

AS NARRATIVAS DE AVIVI NA PRODUÇÃO DE UMA POÉTICA VISUAL AFRO-BRASILEIRA

Ayrson Heráclito¹

Fotografia como devir ritual: rumos metodológicos

O ensaio fotográfico *Narrativas de Avivi* integra as investigações do artista, que compreende a produção de imagens como um devir ritual, a partir da cosmopercepção afro-brasileira dos òrìsás. Toda visualidade produzida pelo artista é criada através de uma ação ritual, remetendo ao conceito iorubano de uma temporalidade multidimensional que reúne o passado, o presente e o futuro em uma composição de eventos circulares, como nos informa Fayemi Ademola Kazeem no seu artigo *Time in yorùbá culture* (2016).² Nesta perspectiva, a imagem realizada encarna a dinâmica condição de impermanência em sua recepção.

Em outra conceituação sobre a distinção do tempo, nos diz o escritor nigeriano, prêmio Nobel em literatura (1986):

passado, presente e futuro sendo concebidos de forma tão pertinente e entrelaçados na cosmovisão yorùbána, o elemento de eternidade que . prerrogativa do deus não tem a mesma qualidade de afastamento ou exclusividade que tem no cristão, [islâmico] ou Cultura budista. (SOYINKA, 1988, p. 27)

Inspirados nas práticas e nos mitos do Candomblé (religião afro-brasileira da qual o artista é integrante), que diviniza os elementos da natureza, a obra apresenta saberes que afirmam os contínuos processos de transformação dos seres humanos. Compreendendo que sua constituição física possui parte do universo em seu corpo, como a água, a terra, o fogo, o ar.

Cada òrìsá possui símbolos característicos que representam as

¹ Ogã Sojatin do Jeje Mahi em Salvador, professor da UFRB na cidade de Cachoeira-BA, artista visual e curador. Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC São Paulo, Mestre em Artes Visuais pela UFBA.

² As palavras Yorùbá àkókò, ìgbà, asiko são frequentemente usadas de forma intercambiável para se referir ao tempo. Àkókò - um tempo em torno de um evento de coisas, ìgbà - um período ou época e Asiko - simplesmente uma estação específica.

forças da natureza em cada um de nós. Na pesquisa, nos debruçamos nas divindades do chamado Panteão da Terra, o elemento terra. A relação dessas divindades de origem africana que foram levadas pelas populações negras escravizadas para as Américas e o Caribe, que são evocadas nesta ação ritual materializada pela fotografia, nos diz o quanto saberes pré-coloniais podem inspirar o mundo contemporâneo em uma perspectiva não europeia. E como ações artísticas podem ser políticas em uma concepção mística e espiritual com armas incomuns como o *Ibirí*, *Xaxará*, *Draka* e *Avivi*. A beleza e as estratégias de lutas dessas divindades (òrìsá) que representam a proteção e a regeneração, unidas em laços familiares, podem nos conectar com a atualidade em que ainda vivemos as consequências nefastas das desigualdades sociais e do racismo que atingem as populações pretas nos nossos dias.

Ìtàn Òsányìn

A palavra Òsányìn se origina da contração do vocábulo Òsán (forte luz do sol) com a Yìn (*atingir*) assim como *Gbìn'lè* (da palavra *irúgbìn*), que significa semente da terra).

Representa o espírito de cura e magia através de todas as vidas vegetais. O grande mago e feiticeiro da natureza domina os segredos e propriedades das folhas, ervas e plantas. A energia e a força que movem o cosmo (àse) reside, em sua parte, nos vegetais. Como se enuncia o famoso oriki “*Kò sí ewé, kò sí òrìsà*” (sem folha, não há orixá), os ritos de Èsìn ìbìè *yorùbá* não existem sem o poder das plantas, a alma de cada folha de Òsányìn. Sua magia é utilizada para o cuidado de todos os ritos de outros *Irunmole* e òrìsá, sem seu poder nada pode ser realizado. Sua importância é primordial nos ritos de Ifá, sendo que seu conhecimento sagrado é reservado e secreto. A sua força, poder e vitalidade das suas propriedades se encontram em diferentes folhas e ervas.

Òsányìn é o grande herbanário, curandeiro, médico. Mas seu poder é paradoxal: cura, como também pode matar. O conceito de saúde para os *yorùbás* é complexo e deve ser conseguido pela harmonia do físico, psíquico, emocional e sobretudo espiritual. Para a promoção da cura deve-se recorrer aos poderes fitoterápicos específicos para cada mal. Os curandeiros se dividem em vários grupos e funções, como os divinadores, os

fitoterapeutas, como os herbalistas (*Onísègùn*) que realizam o diagnóstico preparando ou fornecendo o remédio vegetal em consulta direta com a divindade Òsányìn. Nesta tradição e cultura, os yorubanos realizaram um estudo expressivo sobre as qualidades terapêuticas das ervas, levando o estudioso Robert Farris Thompson a registrar a sua importância:

Ossanha inicia o domínio desse conhecimento taxonômico aprendendo quais espécies de erva coletar, misturar e amassar para fazer remédios a fim de tratar um corpo febril ou de acalmar uma mente agitada. Como elementos de cura, as folhas e as raízes são para Ossanha o que as dezesseis *ikin* e a arte divinatória são para o Ifá. (THOMPSON, 2011, p. 55)

As ervas agem sobre os efeitos maléficis dos Ajogun.³ Neutralizando seus efeitos das doenças e malefícios. O grande sacerdote é conhecido como “Aquele que tudo vê, com os olhos de Olódùmarè”. Acredita-se que nenhuma folha pode cair em uma floresta sem a ciência e consentimento do grande Olódùmarè. A magia de Awo Asè, que representa também a essência do espírito *Èla* e que teve a divindade primordial e Òsùmàrè como sistematizadores, agora está sob o poder do praticante da magia.

Sobre a técnica ritualística de colher e preparar os medicamentos, o nosso professor de itãs e linguística yorùbá, Damilare Falade⁴ nos informa que:

[...] Colhe-se as ervas pela manhã, depois que o sol secou o orvalho, mas antes que o calor do dia chegue. Usar uma faca consagrada afiada para cortar as ervas. [...] agradece a planta por seu presente e oferece algo em troca, talvez um pouco de água.
[...] Familiarizar-se com ervas e outras plantas, saber como elas devem ser e como devem cheirar é um aprendizado fundamental no processo de um Awo.

Ao se relacionar com a natureza de forma tão íntegra e sustentável, a cultura yorùbá nos ensina grandes lições sobre como devemos tratar nossos recursos naturais, além da lógica capitalista e sua violência de exploração de forma tão destrutiva e extrativista. Òsányìn é uma divindade que todo o mundo contemporâneo precisa reverenciar por tudo que representa. Inspiração divina para as batalhas contemporâneas de proteção da natureza no antropoceno.

3 Ajogun – Àqueles Que Lutam Contra A Humanidade – espíritos malignos que têm como objetivo afetar a vida das pessoas no Aye. Forças muito negativas, que têm como objetivo causar doenças, acidentes, brigas, discórdias.

4 Anotações de aulas realizadas no curso de Itàn, de forma remota, entre março de 2021 e março de 2022 no Instituto ÈKÓ YORÙBÁ, com o professor Damilare Falade.

Aviví ou Opá Òsányin

O *Aviví* é composto por um cajado ou *Opá* em yorùbá que representa o triunfo da consciência - *Ori* (cabeça) sobre as energias das enfermidades e da destruição. Um bastão de ferro batido encimado por um ou mais pássaros. A ferramenta possui muitas variações entre a África e sua diáspora nas Américas e Caribe. O ifé diz que existem cerca de 16 tipos de cajados, variando a quantidade de pássaros. No Brasil, especificamente a partir da Bahia, se popularizou uma versão mais simplificada, com um único pássaro que o estudioso americano assim descreve:

Um eco dessa forma, na Bahia, é despojado e simplificado, e foi feito por um ferreiro afrobrasileiro, José Adário dos Santos, em seu ateliê na ladeira da Conceição, acima do porto de Salvador, na primavera de 1968 (imagem 31). Um único pássaro estilizado em cima seis barras esquadrihadas de ferro pontudo, sugerindo, em uma versão, Ossanha acima das encruzilhadas de Exu e do ferro ou, na outra versão, o pássaro de Ossanha sobre pontas afiadas do ferro de Ogum ou, ainda em outra versão, o pássaro de Ossanha nos galhos de uma árvore". (THOMPSON, 2011, p. 61)

Babalorixá Mauro T'Òsún, em sua análise sobre os significados simbólicos da ferramenta, nos recorda o mito do pássaro 'kukuru idé' (pássaro de ferro), pássaro utilizado pelo orisá Osaniyṅ, que obedece e informa o awo das èwè e toda mágica da divindade da floresta.

REFERÊNCIAS

KAZEEM Ademola Fayemi. **Time In Yorùbá Culture**. Al: Hikmat. University of Logos, Akoka, Nigeria, 2016.

SOYINKA, W. **The Fourth Stage: Through the Mysteries of Ogun to the Origin of Yoruba Tragedy**. Art, Dialogue, and Outrage. New York: Pantheon, 1988.

THOMPSON, Robert. **Farris. Flash of the spirit – Arte e filosofia africana e afro-americana**. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2011.